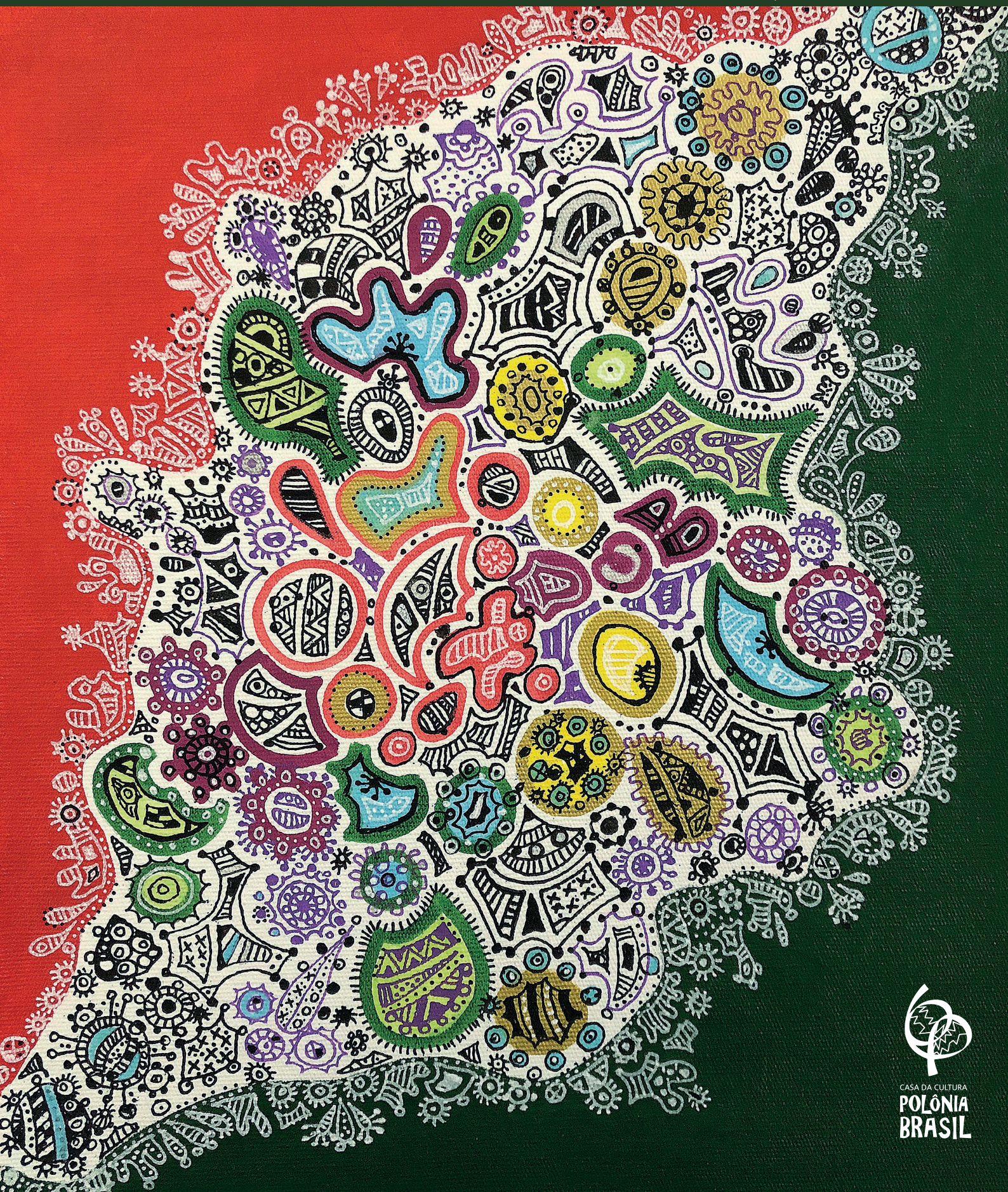


BoletimTak!

AGENDA CULTURAL POLÔNIA BRASIL - Número 47 - Setembro / Outubro 2026



CASA DA CULTURA
POLÔNIA
BRASIL



Juliane Mai

Artista visual e diretora da Juliane Mai Cultura e Editora, possui ampla formação multidisciplinar e atua há



Juliane Mai. Fonte da imagem: <https://www.gaz.com.br/>

23 anos na área cultural. Com obras premiadas e representadas em diversos países, ela já participou da organização de mais de 100 exposições e atualmente presta consultoria para artistas de 29 países. Sendo uma artista PCD e neurodivergente, Juliane também se dedica a promover a acessibilidade em projetos culturais.

A obra da capa, intitulada "**Braterstwo Polsko - Brazylijskie / Irmandade Polônia - Brasil**" (Acrílica sobre tela, 2026), é descrita como uma "cartografia afetiva e psicológica" e um portal de canalização histórica. Seu processo criativo teve um

caráter ritualístico, iniciado com uma oração que evocou a força ancestral entre as duas nações, conectando-se ao texto do escritor Samuel Karłinski e ao desejo de honrar suas raízes. Visualmente, a pintura promove um diálogo entre o vermelho da herança eslava e o verde do território brasileiro, unidos por arabescos brancos no centro da composição, que funcionam como um entrelaçamento da memória que conecta o tempo e a história, assemelhando-se à Renda de Koniaków (Koronka koniakowska), importante símbolo do patrimônio cultural polonês.

BoletimTak!

AGENDA CULTURAL POLÔNIA BRASIL
Número 47 - Setembro / Outubro 2026

Editora: Izabel Liviski

Diagramação: Axel Giller e Bruna Brugnolli Brescancini

Correspondente Internacional: Everly Giller

Revisão: Mariano Kawka

Assistente de Revisão: Mari Inês Piekas

Consultoria: Marek Makowski

Capa: Juliane Mai

REALIZAÇÃO:

Casa da Cultura Polônia-Brasil

APOIO:

Consulado-Geral da República da Polônia em Curitiba



#StandWithUkraine
#PolandFirstToHelp

Convidamos os interessados a anunciar suas empresas e seus produtos em nossas páginas.

Contato:

takpoloniabrasil@gmail.com

Os editores do TAK! não se responsabilizam pelas opiniões, ideias e conceitos emitidos nos textos e artigos publicados, por serem de inteira responsabilidade de seu(s) respectivo(s) autor(es).



EDITORIAL

Entre raízes e novos horizontes

A irmandade entre a Polônia e o Brasil se constrói de muitas formas: nas histórias que atravessam gerações, na língua preservada em família, nas expressões artísticas e nos encontros que ampliam nossas perspectivas sobre o passado e o futuro. Nesta edição do TAK!, esses caminhos se cruzam e revelam a vitalidade de uma relação que continua se transformando.

A capa, assinada pela artista Juliane Mai, traduz esse diálogo em cores, formas e referências culturais. Em *Braterstwo Polsko-Brazylijskie (Irmandade Polônia-Brasil)*, o vermelho associado à herança eslava e o verde do território brasileiro se encontram em arabescos que evocam a renda de Koniaków, símbolo do artesanato polonês. Mais do que representar dois países, a obra sugere que cada olhar acrescenta novas camadas de memória e significado a essa aproximação.

A preservação da identidade polonesa no Brasil ganha destaque nas páginas dedicadas ao *Narodowe Czytanie*, que em 2026 tem como obra escolhida *Dziady*, de Adam Mickiewicz, e ao Inventário da Língua Polonesa/Polaca Brasileira, que avança na documentação de uma herança linguística construída ao longo de gerações. As iniciativas de formação cultural e os encontros que aproximam crianças, jovens e comunidades também mostram que preservar uma tradição é, acima de tudo, mantê-la viva.

A edição abre espaço, ainda, para outras dimensões dessa história compartilhada. A trajetória do arquiteto e designer Jorge Zalszupin evidencia como referências europeias podem dialogar com materiais, formas e sensibilidades brasileiras. Já a análise da economia polonesa e das relações comerciais entre os dois países amplia o olhar para o presente, destacando possibilidades de cooperação em áreas estratégicas, como inovação, educação e sustentabilidade.

Entre literatura, memória, língua, arte e desenvolvimento, esta edição convida o leitor a perceber a cultura polonesa no Brasil não como uma herança imóvel, mas como uma experiência em permanente construção. Uma história feita de permanências e mudanças, de raízes que nos conectam e de novos horizontes que seguimos descobrindo juntos.

Boa leitura! *Życzymy miłej lektury!*

Izabel LIVISKI
Editora.

 NOSSA CAPA - NASZA OKŁADKA

Como uma obra em contínua construção, a tela desafia o olhar do espectador e expande o conceito de irmandade para além da geografia, focando na sinergia e nas boas relações entre as duas nações. A interpretação da obra é estritamente particular: enquanto um polonês conecta

os elementos às suas próprias memórias, um brasileiro preenche o visual com seu repertório cultural. Assim, a pintura se consolida como um espaço de fusão de identidades, que só se completa quando o observador projeta nela suas próprias vivências afetivas.

(Da Redação)

 CONSULADO-GERAL DA REPÚBLICA DA POLÔNIA EM CURITIBA

Entrevista com o Professor Marcin Piątkowski, da Universidade Koźmiński

A entrevista foi feita por ocasião do Seminário “Polônia – líder mundial em crescimento econômico, parceira do Brasil, a maior economia da América Latina”, foi organizado pelo Consulado-Geral da República da Polônia em Curitiba, na Associação Comercial do Paraná, em setembro de 2026.

1- A entrada na União Europeia sem a adoção do euro poderia ter sido uma das estratégias por trás do sucesso da Polônia? Afinal, o custo de vida não aumentou, e isso ajudou a estimular a economia.

O mais importante para a Polônia, e para explicar o sucesso e o milagre econômico que vem acontecendo no país nos últimos quarenta anos, foi a entrada na União Europeia. O euro teve pouca importância. O mais importante é que a Polônia construiu instituições, tribunais independentes e uma administração pública baseada no mérito, que proporcionaram segurança aos investidores poloneses e estrangeiros, mostrando que vale a pena produzir na Polônia para a Europa e para o mundo.

A Polônia não utiliza o euro e acredito que não o adotará pelo menos até 2040, por razões sociais, políticas e também econômicas. Atualmente, a maioria dos economistas, inclusive eu, não acredita que a adoção do euro seja algo fundamental para a Polônia no curto prazo.

2- E quais políticas voltadas à autossuficiência energética estão sendo implementadas atualmente para garantir a independência energética da Polônia?

Acredito que o fundamental, e isso deveria fazer parte da visão e dos objetivos de desenvolvimento da Polônia, é que, ao longo da próxima década ou mais, o país consiga alcançar sua independência energética, para que não tenhamos que importar energia de despotas globais, como: czares e líderes arrogantes. O que fazer para que isso aconteça? A Polônia precisa substituir o petróleo e o gás que importa por sua própria produção de eletricidade baseada em energia verde. Assim como no Brasil, onde quase 90% da energia produzida é verde. Na Polônia, esse índice já chega a 50%, portanto, já fizemos muita coisa.

A participação do carvão continua caindo, mas o objetivo é que, no futuro, 80% da eletricidade polonesa seja verde, sendo 60% proveniente de fontes renováveis e 20% de energia nuclear.

3- A Polônia investiu na diversificação de sua indústria, afastando-se da indústria pesada em favor de setores mais especializados. De que maneira as questões relacionadas ao desenvolvimento sustentável são consideradas nesses projetos?

Antes de tudo, a economia polonesa mudou completamente sua estrutura ao longo dos últimos quarenta anos. Passamos de um país comunista falido, com um meio ambiente extremamente poluído, siderúrgicas e minas, para uma economia baseada em alimentos saudáveis, eletrônicos e serviços de alta qualidade. As exportações polonesas, no ano passado, ultrapassaram o valor de 500 bilhões de dólares. A Polónia exporta mais do que o Brasil. E grande parte dessas exportações é composta por setores modernos da economia que não prejudicam o meio ambiente. Além disso, a Polónia fez muitos avanços nessa área, porque é isso que os poloneses querem. Eles querem viver em uma Polónia limpa e natural. Existe uma enorme pressão de toda a sociedade para investir nisso, o que também pode ser observado na estrutura da economia. A maioria das siderúrgicas já não existe ou, quando ainda existe, tornou-se, em grande medida, mais sustentável. A União Europeia também exige que a Polónia se torne cada vez mais verde e sustentável, em vez de poluída e pouco ecológica como era há quarenta anos.

4- Como está atualmente a situação dos jovens na Polónia em relação às oportunidades de desenvolvimento profissional? Quais áreas oferecem as perspectivas mais promissoras?

Os poloneses gostam de reclamar, e os jovens poloneses também. Sempre e em qualquer lugar, apesar de pertencerem à geração mais afortunada da história da Polónia. É a geração mais rica, mais livre e mais aberta ao mundo de toda a história polonesa, que já tem mais de mil anos.

É também uma geração que, sob muitos aspectos, tem um excelente ponto de partida, porque a Polónia possui uma das menores taxas de desemprego da Europa e do mundo. É muito fácil conseguir um emprego. É claro que todo mundo gostaria de ganhar tanto quanto se ganha no Vale do Silício ou em Manhattan, em Nova York. Mas os salários são altos na Polónia, a qualidade de vida é elevada e acredito que os jovens poloneses reconhecem isso. Isso também pode ser observado

pelo fato de que muitos jovens poloneses que anteriormente emigraram da Polônia, por exemplo, para o Reino Unido, França ou Alemanha, estão retornando hoje, porque percebem que é possível ganhar bem e ter uma alta qualidade de vida na Polônia.

Hoje, quase metade, dos jovens poloneses entre 25 e 34 anos estuda em universidades. É a geração mais instruída de toda a nossa história. São pessoas que viajaram pelo mundo. Infelizmente, talvez nem todos tenham estado em Curitiba, mas estiveram em muitos outros lugares. Eles sabem como é o mundo. Falam inglês, falam vários idiomas e acredito que muitos deles encontrarão emprego sem grandes dificuldades. É claro que existem desafios e problemas, como, por exemplo, o alto preço dos imóveis. Em Varsóvia, hoje, já é necessário pagar quase 20 mil zlotys por metro quadrado. Isso é um grande problema. A Polônia não é uma exceção nesse aspecto. A maioria dos países ricos enfrenta problemas relacionados à acessibilidade financeira das moradias. Os jovens poloneses também são afetados por isso. Mas, novamente, uma era de ouro não significa uma existência sem problemas. Sempre haverá problemas e desafios que a Polônia precisará enfrentar e resolver.

A entrevista foi realizada em polonês e traduzida por:

Regiane Maria CZERVINSKI

Professora, tradutora e intérprete de polonês, analista de desenvolvimento de sistemas e assistente administrativo – Setor Consular.

Colaborou:

Schirlei FREDER



Professor e Economista Marcin Piątkowski

Relações Bilaterais: Paraná e Polônia estreitam laços em seminário sobre crescimento econômico e inovação

No dia 3 de setembro de 2026, a sede da Associação Comercial do Paraná (ACP), sediou o seminário internacional "Polônia, líder mundial em crescimento econômico, parceira do Brasil, a maior economia da América Latina". O encontro reuniu autoridades diplomáticas, líderes empresariais e acadêmicos no edifício da ACP, no Centro de Curitiba.

Realizado sob a modalidade "POLÔNIA E BRASIL: CONEXÕES, EXPERIÊNCIAS E NOVAS OPORTUNIDADES", o evento teve um forte apelo histórico e social. Durante a abertura, foi celebrado o fato de que o Paraná abriga uma das maiores colônias de descendentes poloneses do mundo, simbolizando mais de 150 anos de profundos laços culturais que agora servem como plataforma para uma nova era de cooperação tecnológica e comercial.

A Ascensão Polonesa e as Lições para o Mercado Brasileiro

A programação técnica trouxe debates de alto nível com especialistas vindos diretamente da Europa para analisar o modelo da economia que mais cresceu no continente europeu nas últimas três décadas. Os painéis contaram com a presença de palestrantes renomados:

Prof. Marcin Piątkowski: Economista do Banco Mundial e professor da Academia Leon Koźmiński (Varsóvia), especialista reconhecido internacionalmente pela análise de "milagres" econômicos.

Prof.^a Dr.^a Anetta Kuna-Marszałek: Professora e chefe do Departamento de Comércio Internacional da Universidade de Łódź.

Os debates demonstraram como a transformação institucional polonesa a credenciou a figurar hoje entre as 20 maiores economias do mundo, apresentando caminhos viáveis de atração de capital e inovação que podem ser replicados no ecossistema produtivo brasileiro.

Fortalecimento Diplomático e Comercial no Paraná

O seminário foi articulado pelo Conselho Político e Desenvolvimento Econômico e pelo Conselho de Negócios e Relações Internacionais (Coninter-RI) da ACP, contando com a correalização da Embaixada da República da Polônia em Brasília e do Consulado Geral da Polônia em Curitiba.

 CONSULADO-GERAL DA REPÚBLICA DA POLÔNIA EM CURITIBA

As discussões contaram com a liderança do embaixador da Polônia no Brasil, Andrzej Adam Cieszkowski, e do cônsul-geral em Curitiba, Wojciech Baczyński. Ambos apontaram setores altamente estratégicos para o desenvolvimento conjunto, tais como transição energética, sustentabilidade, educação e tecnologia da informação.

A representação paranaense foi composta por figuras importantes do meio público e acadêmico, incluindo a

vice-reitora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Camila Girardi Fachin, o presidente da Invest Paraná, Giancarlo Rocco, além de economistas e coordenadores da ACP como Marcos Domakoski, Antoninho Caron, José Pio Martins e Henrique Domakoski. Todos foram unânimes em apontar a prontidão do estado em estreitar relações de comércio exterior e intercâmbio científico.

Texto e Fotos: da Redação



Autoridades diplomáticas, palestrantes e lideranças presentes no seminário.

 ESPAÇO CCPB

Narodowe Czytanie – Leitura Nacional

Desde 2012, a Polônia realiza anualmente, no mês de setembro, o Narodowe Czytanie (*Leitura Nacional*), iniciativa que reúne autoridades, escolas e cidadãos para a leitura conjunta de uma obra da literatura polonesa em praças, ruas, instituições culturais e outros espaços públicos.

A iniciativa é promovida pela Presidência da República da Polônia com o objetivo de valorizar e divulgar o patrimônio literário do país. A primeira edição, convocada pelo então presidente Bronisław Komorowski, teve como obra escolhida *Pan Tadeusz*, de Adam Mickiewicz.

A força desse gesto contemporâneo remonta a um período muito mais distante: ao papel que a literatura desempenhou no século XIX, quando o Estado polonês havia desaparecido do mapa político da Europa. Nesse contexto, a literatura tornou-se um importante espaço de preservação da língua, da memória histórica e da identidade nacional.

Para a edição deste ano, o Presidente da República da Polônia, Karol Nawrocki, e a Primeira-Dama, Marta

Nawrocka, convidaram os poloneses e comunidade polônica à leitura conjunta de *Dziady* (*Antepassados*), de Adam Mickiewicz. Em sua carta-convite, afirmam:

“Estamos às vésperas da décima quinta edição da Leitura Nacional [...] Neste ano, convidamos cordialmente todos vocês para a leitura conjunta de Dziady (Antepassados), de Adam Mickiewicz. Dziady é um alicerce da cultura polonesa e uma espécie de ‘leitura das leituras’. É um mistério dramático nacional, no qual o passado se une ao futuro, e os rituais tradicionais criam um espaço para os nossos debates nacionais. É justamente em Dziady que a ligação com os tempos antigos se inscreve na história da Polônia e nos recorda os valores que moldam a nação. ‘Todos nós viemos dele’ — dizemos com orgulho sobre Mickiewicz, que, em seu genial drama, reúne as gerações passadas e futuras em uma única comunidade espiritual. Dziady é uma obra extraordinária sobre a identidade nacional, compreensível para todo polonês.”

CASA DA CULTURA POLÔNIA-BRASIL

A Casa da Cultura Polônia Brasil organiza a Leitura Nacional desde 2022. Neste ano, a atividade foi realizada no dia 3 de setembro, às 19h, e conduzida pelas professoras Debora Cristina Queirolo Mussak e Regiane Maria Czervinski. O projeto foi implementado no âmbito do Programa Senado-Polônia 2026, com atividade cofinanciada pela Chancelaria do Senado e apoio do Towarzystwo Naukowe KUL.

A obra *Dziady*, de Adam Mickiewicz, é composta por quatro partes — I, II, III e IV. A Parte I permaneceu inacabada e foi publicada postumamente. Para esta edição da Leitura Nacional, foi escolhido um trecho da Parte II.

Publicada em 1823, em Vilnius, a Parte II apresenta o

antigo ritual pagão dos *Dziady*, associado à comunicação com as almas dos mortos. A ação se passa em uma antiga capela, na noite de 1º para 2 de novembro. Ali, as pessoas se reúnem para realizar o antigo ritual dedicado aos mortos, acreditando que, nessa noite, os espíritos podem retornar ao mundo dos vivos.

A leitura de *Dziady* aproxima, assim, o público brasileiro de uma das obras fundamentais da literatura polonesa e de uma tradição cultural profundamente ligada à memória, à identidade e à história da Polônia.

Regiane Maria CZERVINSKI

Professora especialista em ensino de polonês como segunda língua, estrangeira e de herança, tradutora e intérprete de polonês, analista de desenvolvimento de sistemas e assistente administrativo – Setor Consular.

Acervo: Casa da Cultura Polônia Brasil - Referência: <https://www.prezydent.pl/aktualnosci/inicjatywy/narodowe-czytanie/2026-dziady/list-pary-prezydenckiej>

O LÍRICO E LITERÁRIO

Reflexões convergentes: Uma crônica poética sobre o desejo de regresso à Polônia.

O presente ensaio propõe dialogar com as estruturas subjetivas que tecem o imaginário e a sentimental condição do descendente polonês em seu alento contemporâneo de regresso à pátria pregressa. Para essa compreensão, é indispensável partir do ponto da nostalgia guardada e viva nas mentes e corações dos emigrados que compõem a comunidade polono-brasileira.

As duras realidades políticas e econômicas a que estavam sujeitos, em alguns momentos específicos da história, são amplamente documentadas como os principais elementos dispendiosos responsáveis pelas maiores ondas da Diáspora Polonesa.

No transcurso entre o início da imigração e o fim da década de 1930, havia no Brasil centenas de escolas étnicas bilíngues ensinando polonês. Tamanha estruturação demonstra o forte sentimento de legado que estava imbuído na atitude dos antepassados em fornecer educação para a manutenção do idioma nas gerações seguintes.

Apesar do passar do tempo, algumas marcas dessa identidade sempre permanecem em maior ou menor proporção, podendo ressurgir de forma

ainda mais intensa e tardia, como um fenômeno sociológico teorizado pelo Efeito Hansen, manifestado no interesse em aprender mais sobre as origens e as questões histórico-culturais, bem como no estudo do idioma polonês. A busca pelo resgate desse conhecimento é, fundamentalmente, uma forma de pertencer mesmo estando longe, tanto na dimensão do tempo quanto na do espaço.

Um misto de parâmetros entre a realidade empírica e o idealizado compõe a visão e o desejo do regresso. Quando todas essas características se acumulam no coração de um poeta herdeiro desse conjunto, a ampliação de tal contingente irradia-se muito além de um para outro continente. *Język jest jedyną ojczyzną poety, como bem asseverou Czesław Miłosz: „Byłaś moją ojczyzną, bo zabrakło innej.”*

A crônica a seguir, construída em atmosfera poética, concede voz a esse sentimento guardado. É o relato de um despertar espiritual e geográfico, onde a Polônia deixa de ser um memorial de elementos passados para se irradiar como um futuro vivo, verde e definitivo — e onde é possível resgatar a si mesmo!

Wracam

Houve um dia em que o sol nasceu igual, mas eu acordei diferente. Houve um dia em que me ouvi em silêncio latente. Não lembro se era janeiro ou novembro quando na minha garganta surgiu uma voz insurgente que protestava e me perguntava: — Onde eu estava?

Não fui eu que mudei nada, mas algo em tudo, e além de tudo, me faltava. Parte do perfume voltava para dentro da flor. Era inverno, dia nublado amanhecido com geada. Estava frio e só aquele frio já não bastava: „*Lecz wewnątrz tego ognia sto lat nie wyziębi*”, como proferiu o filomata Adam Mickiewicz na voz de Wysocki.

Amanheci dentro do meu sentimento dormido, que me chamava docemente, e o perfume das palavras se espalhava no ar como *éma lecq-ca w czasie*.

Só sei que acordei longe e vi no horizonte meu caminho chegando a Zalipie, Pstrąże e Kłomino.

E sorri — e sorri triste!

Não pintarei apenas flores belas; ainda vivem flores de tons cinza e rubro por baixo das pétalas das flores de cores belas. Nas sombras e frestas dos muros ainda se escondem feridas e feras. Granadas não explodidas, sons de estilhaços de janelas. Fantasmas amputados que não flutuam mais. Baionetas dissimuladas enferujando sob as lapelas dos casacos usurpados. Lembranças de chumbo virando passado.

Contudo, indiferente ao que aconteceu antes, a vegetação encobre tudo. Malvas brotam dos vestígios distantes. Dos restos dos vestidos nasce novo linho e a fome vira trigo. São as ruínas da vida reerguidas pela própria vida. *Wyrosnąć jak grzyby po deszczu...*

Só sei que acordei tão perto que todas as lendas pareciam verdadeiras. Quanto mais desbotada uma parede, mais forte fica impregnada a nova cor verde. E assim a Polônia viceja para todo lado. E as abelhas voltaram para os prados de *czzerwone maki i białe koniczyzny*. Isso é felicidade! A dádiva que liberta, a chave que abre a oficina do poeta: ver o cinza virar cinzas.

Sobre postais e pores do sol reais em Gdańsk, Wrocław, Kraków e Toruń. Na aldeia Karlin ou em qualquer outra *wioska*. Meu pensamento toma forma de piano e os dedos fiam o ritmo da *Przędniczka* com a urgência acumulada de muitos anos. Sinto o gosto do vento no rosto! O talento de Niemen surge como um sopro de continuidade do espírito indestrutível da Gódzina „W”, ecoando em *Sen o Warszawie*:

*Kiedyś zatrzymam czas
I na skrzydłach jak ptak
Będę leciał co siłą
Tam, gdzie moje sny
I warszawskie kolorowe dni*

O meu regresso: este é o sonho que a Deus humildemente peço. Quero *chwalić umajone tąki* diante de uma *kapliczka* na beira da estrada. Quero queimar a Marzanna e ver as primulas florescer. Quero ouvir os pássaros cantando em polônês e aprender os nomes de novos peixes, pescando com os meus filhos nos lagos da Mazúria.

Há um clamor de justiça que permaneceu em meu sangue — de quem veio, de quem me trouxe. Meu retorno libertará a memória dos familiares que ficaram distantes e as vozes que se agrupam na minha voz. Meus pais, avós, bisavós e trisavós...

Nenhum deles voltou: semearam a terra como o *Maciej* de Reymont, no silêncio da voz remida de quem carregou a saudade por toda a vida.

— Mas eu vou! Com a mesma força, determinação e coragem dos que vieram antes e que me trouxeram o desejo de voltar. Que todas essas almas encontrem o *ukojenie* quando eu enxergar, em memória a Cyprian Kamil Norwid, o „*gniazdo na gruszy bocianie*”. E, nesse momento, todo vidro virará espelho.

E sorri — e sorri feliz!

Terra do sempre, tuas planícies são janelas onde olho para mim.

Nota autoral

O desejo de retorno perscrutado e expresso nesta crônica entoa o sentimento sucessório de milhares de descendentes que hoje buscam percorrer o caminho inverso da migração do século passado. Essa jornada encontra uma sutil correspondência com o pensamento lírico de Wisława Szymborska no desfecho de *Koniec i początek*: os que sabiam de toda a dor do passado devem dar lugar àqueles que pouco sabem dela, até que a memória se esvazie no completo esquecimento. Apesar do desconforto causado pela secura da sua ironia trágica, o poema nos instiga a refletir profundamente e também gera, sob uma ótica secundária de interpretação, um ponto de reencontro entre esses passados — distintos no tempo histórico, mas irmãos entre si — que podem integrar-se em um mesmo horizonte de continuidade e propósitos, para que a memória seja ressignificada e pacificada com honra e integridade.

Mais do que uma viagem física, voltar à Polônia consolida-se como um reencontro com a própria essência existencial ontológica, onde o passado doloroso desbota enquanto a felicidade brota nas planícies do presente desta nação que se projeta além das fronteiras do futuro e do tempo...

Na wieki wieków.

Samuel KARLINSKI

Poeta, escritor e dentista. Natural de São Domingos do Sul, RS.

Jorge (Jerzy) Zalszupin e a história do design no Brasil

Tanto a carreira profissional quanto a vida privada do arquiteto e designer Jorge (Jerzy) Zalszupin foram repletas de coincidências surpreendentes. No entanto Zalszupin preferia usar outra palavra, chamando esses acontecimentos simplesmente de "milagres". É esse o termo que ele utiliza em sua autobiografia, *De *pra lua*, lançada tanto em português quanto em polonês. Recomendando fortemente a leitura desse livro — é uma obra eletrizante, cheia de reviravoltas inesperadas, que deixa transparecer o caráter do autor: com muita de energia, entusiasmo e bom humor. No entanto, a vida e a obra de Zalszupin não se resumem

a meras coincidências; ele não teria alcançado sua posição de destaque no design brasileiro se não fosse por seu talento, inventividade e trabalho duro.

Nascido em 1922, Jerzy Zalszupin vinha de uma família polonesa-judaica e cresceu em Varsóvia. Com o eclodir da Segunda Guerra Mundial, ele entra em um carro com o pai e a irmã e foge para a Romênia, onde se forma em arquitetura pela Universidade de Bucareste. Após o fim da guerra, muda-se para a França — um encontro completamente casual no metrô de Paris faz com que ele consiga seu primeiro trabalho como arquiteto na reconstrução pós-

-guerra de habitações em Dunkerque. Esse trabalho, porém, oferecia pouca margem para a criatividade, e ele sentia que não estava desenvolvendo todo o seu potencial. Mais uma vez por acaso, cai em suas mãos um exemplar da revista *L'Architecture d'aujourd'hui*, na qual lê um artigo sobre Oscar Niemeyer. Fascinado pela obra do famoso arquiteto, decide mudar-se definitivamente para o Brasil. Não tem um plano definido nem emprego garantido, mas transborda entusiasmo e esperança. Durante a viagem de navio ocorre outro "milagre": a bordo, ele reencontra uma antiga conhecida que, ao saber de sua intenção de procurar trabalho como arquiteto no Brasil, lhe entrega o cartão de visita de seu tio — Lucjan Korngold, um arquiteto de origem polonesa-judaica que já possuía uma reputação consolidada.

Pouco depois de desembarcar, começa a trabalhar no escritório de arquitetura de Korngold em São Paulo e, com o tempo, abre sua própria firma. Entre os seus projetos residenciais mais interessantes estava a casa que projetou para Paulina Nemirovsky em São Paulo, demolida nos anos 2000. No coração da cidade — no número 949 da Avenida Paulista — encontra-se a Torre Paulista (nome original Edifício Aquarius, 1971), projetada em parceria com José Gugliotta. A fachada característica e com uma curvatura incomum teria sido uma ideia do Zalszupin. Infelizmente, quando visitei o prédio em abril deste ano, ele estava visivelmente abandonado, negligenciado e com a entrada proibida. Por outro lado, também em São Paulo é possível visitar a residência do próprio arquiteto — a Casa Zalszupin (1962). Nela, ele viveu com sua esposa Annette, que conheceu em uma livraria, e com suas duas filhas. A casa demonstra perfeitamente a habilidade do arquiteto em harmonizar diferentes materiais e influências — a simplicidade do modernismo se entrelaça com o requinte, grandes janelas se abrem para o jardim, e o interior exhibe pedra bruta, madeira e azulejos.



Torre Paulista (1971), Avenida Paulista 949, SP - Foto da Autora

 POŁĄCZENIE SZTUKI - ARTISTAS POLONESES EM SOLO BRASILEIRO

Zalszupin ficou famoso sobretudo como designer de móveis, marcando para sempre seu nome na história do design brasileiro ao lado de figuras como Gregori Warchavchik, José Zanine Caldas, Joaquim Tenreiro e Lina Bo Bardi. Na década de 1950, fundou a empresa de design *L'Atelier*. Aos poucos, começou a se consolidar o estilo individual de Zalszupin, claramente inspirado pelo design nórdico e pela corrente do chamado design orgânico (espelhando-se em nomes como Arne Jacobsen, Finn Juhl e Alvar Aalto). Um dos pilares do design orgânico era a preferência pela madeira como um material mais acolhedor e quente em comparação ao metal, bastante popular nos projetos da Bauhaus. Jorge se apaixonou pelas madeiras brasileiras, em especial pelo jacarandá. Essa madeira extremamente resistente e de tons profundos — variando do marrom-chocolate ao vermelho-fechado — dava às suas peças uma elegância atemporal.

O designer buscava inspiração nítida nas formas da natureza — sua icônica mesa "Pétala" (1960) remete às folhas ou pétalas de uma planta. Os móveis de Zalszupin impressionam pela simplicidade das formas, mas a escolha de materiais nobres lhes confere um caráter sofisticado. Ele gostava de combinar texturas — como madeira e mármore ou madeira e metal. O banco "Onda" (c. 1960) assume, como o próprio nome sugere, uma forma suave e levemente ondulada, arrematada por um revestimento de camurça. A poltrona "Dinamarquesa" (1959), sustentada por pés delicados com anéis dourados nas pontas, parece quase desafiar as leis da gravidade, remetendo à arquitetura de Niemeyer. Um de seus projetos mais conhecidos é o elegante Carrinho de chá (1959), que combina madeira escura com

rodas douradas levemente sobredimensionadas. O jogo sutil entre leveza e peso, aliado aos materiais utilizados, faz com que a peça pareça simultaneamente moderna e clássica. Vale destacar também que Zalszupin foi pioneiro no desenvolvimento de móveis modulares, que podiam ser combinados livremente e adaptados às necessidades de cada ambiente.

Dieter Rams, um dos designers mais importantes da história, costumava dizer que um bom design é atemporal. Ao olhar para as peças de Zalszupin das décadas de 1950 e 1960, certamente muitos de nós conseguem imaginá-las em nossos apartamentos atuais. Seus móveis continuam mantendo um frescor moderno — não é à toa que a empresa ETEL, nos anos 2000, reeditou vários de seus projetos, tornando-os novamente disponíveis no mercado. Falecido em 2020, Zalszupin ainda teve a oportunidade de colaborar pessoalmente no processo de reedição de suas criações. Embora a vida do designer tenha sido repleta de acasos surpreendentes, seu lugar de destaque na história do design no Brasil não é fruto do acaso — é o resultado de uma capacidade extraordinária de unir as influências nórdicas à beleza da natureza brasileira.

Bibliografia:

Zalszupin Jorge, *De *pra lua*, Editora: Olhares, São Paulo 2014.

Santos dos Loschiavo, Maria Cecília, *Jorge Zalszupin: Design moderno no Brasil*, Editora: Olhares, São Paulo 2014.

Agata Cowan-STRONCIWILK

Historiadora da arte vinculada ao Instituto de Estudos de Arte da Universidade da Silésia em Katowice (Polônia). Recebeu uma bolsa Fulbright Slavic Award para estudos eslavos na Universidade de Washington, em Seattle (2023) e bolsa NAWA Polonista para a Universidade Federal do Paraná (2026).



Casa Zalszupin (1962), Jardim América/SP – Foto da Autora

Muito Além do Financeiro: capital social, comunitário e histórico-cultural nas entidades polônicas



Guarani das Missões, 2016. Foto da Autora

No artigo anterior, abordamos os dois capitais que sustentam o funcionamento cotidiano das entidades polônicas: o financeiro e o humano. Neste, avançamos para três capitais que raramente aparecem nos balanços contábeis — mas que, na prática, determinam o quanto uma organização é respeitada, querida e capaz de mobilizar sua comunidade: o capital social, o comunitário e o histórico-cultural. São ativos invisíveis nas planilhas, mas absolutamente visíveis nos momentos em que a entidade mais precisa deles.

1. O capital social de uma organização é o conjunto de suas relações — com outras entidades polônicas, com o poder público, com universidades, com empresas, com organismos poloneses e com redes do terceiro setor. Essas conexões não são apenas úteis para captação de recursos: são a base sobre a qual se constroem parcerias, projetos conjuntos, trocas de conhecimento e influência institucional.

Uma entidade polônica com capital social bem desenvolvido consegue articular, por exemplo, uma parceria

com uma universidade local para digitalizar seu acervo histórico, negociar com a prefeitura o reconhecimento de um bem cultural, ou integrar uma rede nacional de organizações da sociedade civil para acessar editais que sozinha não alcançaria. O capital social se constrói com presença — em eventos, em redes, em espaços de deliberação pública — e se perde com o isolamento e a omissão.

A Lei 13.019/2014, o Marco Regulatório do Terceiro Setor, criou instrumentos formais para que essas relações, especialmente com o poder público, sejam estabelecidas de forma transparente e estruturada. Conhecer esses instrumentos e estar em condições jurídicas e contábeis de utilizá-los é parte da gestão do capital social.

2. O capital comunitário é o grau de pertencimento e identificação que os associados, os descendentes e a comunidade mais ampla sentem em relação à entidade. É o que faz com que um associado compareça à assembleia mesmo quando chove, que um ex-membro

 GUARDIÕES DO LEGADO

doe recursos em um momento de crise, ou que a comunidade local defenda a sede histórica diante de uma ameaça de demolição.

Esse capital se constrói ao longo de anos e se deteriora rapidamente quando a entidade passa a ser percebida como fechada, distante ou irrelevante para a vida das pessoas. Manter o capital comunitário exige escuta ativa — saber o que os associados esperam, o que os frustra e o que os inspira — e presença territorial, com atividades que dialoguem com as diferentes faixas etárias e perfis da comunidade. Uma entidade que só existe para quem já frequenta a sede há décadas está, silenciosamente, deixando seu capital comunitário se depreciar.

A gestão desse capital também passa pela abertura à diversidade interna: associados com diferentes níveis de envolvimento com a cultura polonesa, diferentes gerações e diferentes expectativas precisam encontrar espaço e pertencimento na mesma organização. Isso não dilui a identidade — ao contrário, a fortalece ao ampliá-la.

3. O capital histórico-cultural é o mais singular de todos. É o acervo de fotografias, documentos, objetos, trajes, músicas, receitas, histórias orais e registros de memória que a entidade guarda — muitas vezes sem plena consciência do seu valor. É também o conjunto de práticas culturais vivas: a dança, a gastronomia, o idioma, as celebrações religiosas e os rituais comunitários que continuam sendo transmitidos.

Esse capital tem valor simbólico, identitário e, cada vez mais, econômico — na forma de projetos culturais financiáveis, de turismo de raízes e de reconhecimento por parte de políticas públicas de patrimônio imaterial.

Mas ele é frágil: documentos se deterioram, memórias se perdem com o falecimento dos mais velhos e práticas culturais se extinguem quando não há quem as ensine e quem queira aprender.

Gerir o capital histórico-cultural significa digitalizar acervos, registrar depoimentos, catalogar objetos, estabelecer parcerias com museus e universidades e criar programas que conectem os mais jovens a essas práticas de forma viva e significativa — não como relíquia, mas como identidade em movimento. Para as entidades polônicas, que foram fundadas exatamente para preservar esse patrimônio em solo brasileiro, cuidar desse capital não é uma opção: é a razão de existir.

Na reflexão de hoje, vimos que os capitais social, comunitário e histórico-cultural não aparecem em nenhum balanço contábil — mas são eles que determinam se uma entidade polônica será lembrada ou esquecida, frequentada ou esvaziada, defendida ou abandonada nos momentos de crise. Gerir esses capitais exige sensibilidade, escuta e visão de longo prazo. Exige, acima de tudo, a convicção de que uma organização cultural não vale pelo que possui, mas pelo que conecta: pessoas à memória, gerações entre si e uma comunidade à sua própria identidade.

Fontes:

IBGC (2023); Lei 13.019/2014; FREDER; TRINDADE (2016); FREDER; FREDER (2017).

Schirlei FREDER

Pós-doutoranda, Doutora e Mestre em Gestão Urbana (PUCPR), pesquisadora de assuntos ligados à polonidade no Brasil. É Co-fundadora, ex-Conselheira da Casa da Cultura Polônia Brasil, onde esteve à frente da presidência no período de 2012 a 2020. É cofundadora e atual Conselheira Fiscal na Associação Polono-Brasileira Padre Daniel Niemiec. Coordena o projeto "Polonidade no Brasil: memória e legado" que pode ser acessado em: <https://polonidadenobrasil.org.br/>

 LITERATURA

Lançamento do livro "Monte Alegre Sempre"

O jornalista e historiador Ulisses Iarochinski apresenta a segunda edição de sua obra "Monte Alegre Sempre", um profundo resgate documental sobre a evolução territorial, social e política de uma das regiões mais emblemáticas do Paraná. Abrangendo o extenso período histórico de 1522 a 1934, o livro mapeia a trajetória local e consolida um registro indispensável para a preservação da memória e da identidade histórica paranaense.

Ulisses IAROCHINSKI

Jornalista, historiador, cineasta, produziu e dirigiu mais 15 documentários de curta-metragem e 5 de longa-metragem. Também já escreveu e publicou mais de 16 livros sobre a imigração polaca, a Guerra do Contestado e o descobrimento do Brasil.



Lançamento do livro e bate-papo

Ulisses Iarochinski

10 de novembro às 19h

Casa da Praça
Praça Sant'Ana do Iapó, nº10- Centro Castro - PR

Monte Alegre Sempre
2ª EDIÇÃO
TRAJETÓRIA HISTÓRICA DE UM LUGAR NO PARANÁ 1522 a 1934

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA CASTRO
PREFEITURA DE CASTRO
Cidade e Humanidade

Personagens entre Cassino e Roma

Um livro não nasce, transborda depois que a ideia contagia uma escritora como eu. A escrita passa a exigir não somente a minha dedicação, exige minha entrega por inteiro.

Preciso sentir a história do ponto de vista dos personagens. Ouvir suas vozes, transportar-me no tempo para observar seus cenários.

Eu e meu companheiro, filho de Leopoldo, um imigrante polonês demoramos para acessar o local do nosso trem em uma estação em que alto-falantes e luminosos informavam e pessoas escutavam perguntas.

Leopoldo coloca uma cena ao meu alcance e vejo seu rosto jovem sem compreender o idioma de outros prisioneiros e dos russos que eram seus captores.

Eu o observo cruzando a União Soviética desde a Sibéria até o Sul para alcançar o exército do mesmo General Anders. Como foi para ele deslocar-se por três mil quilômetros ao mesmo tempo em que tentava descobrir como funcionava o precário sistema de transporte nas terras geladas? Em muitas noites Leopoldo não sabia se haveria abrigo para descansar nas terras soviéticas. Mais tarde, no período em que se preparou para ser soldado nas regiões desérticas do Egito, da Palestina, do Líbano, dormiu por anos em tendas.

Carregando minha mala antes do amanhecer em um outono frio de Cassino, na Itália, passo pela estátua do General Anders. O leitor não sabe quem é ele, mas o personagem

Leopoldo o conheceu, e me convida a agradecer a esse general, que amava tanto a sua Polônia a ponto de converter prisioneiros saídos de um Gulag na Sibéria a se tornarem soldados. Eles tinham fome, doenças, fraqueza, mas Anders os fez acreditarem a lutar pela humanidade inteira na Itália, um solo que não era o seu.

E se hoje meu olhar agradecido alcançou essa pedra tornada comandante é porque Leopoldo me inspirou. As minhas experiências, de uma forma simplista, podem ser comparadas com as vivências desse personagem que se deixa desvendar a cada página escrita.

Carrego minha mala pesada, apesar de conter coisas para apenas quinze dias. Leopoldo levou junto ao corpo tudo que possuía durante cinco anos.

Eu imagino a carga que esse jovem sentia ao carregar a própria existência e quase mais nada. Sua responsabilidade era imensa. Precisava permanecer vivo durante uma guerra que dominava o mundo, se fazer forte e voltar ao seu país.

Quando eu o encontrei não sabia nada sobre ele. Primeiro uma foto e não me convenci. Depois seus escritos, seus documentos, as memórias que ele manteve, quando a vida se tornou leve nas terras da América do Sul. Talvez, Leopoldo gostaria que a sua família soubesse a realidade inteira vivida por seu povo. Ele não conseguiu relatar, pois havia muita dor e seu desejo era espalhar somente amor no caminho dos filhos. Esse foi o motivo para tantos documentos e livros terem sido conservados durante décadas.

Passei da curiosidade ao interesse e depois à entrega. Caminho pelos lugares onde ele passou buscando sua história, e a história dele também me busca, me encontra e me revela o homem por dentro das cenas. Com o relato da sua vida o destino de diversas nações chega até a mim. O roteiro da humanidade estava sendo definido em episódios de sangue, como na canção que menciona papoulas que crescem mais lindas nas montanhas de Cassino por que o sangue dos poloneses as alimentou.

Você leitor não sabe de nada disso, nem dessa batalha, nem da bravura



Monte Cassino e as Papoulas. Foto: Acervo pessoal.

 LITERATURA

daqueles jovens, seus sonhos e desespero. Também não sabe dos gritos dos feridos e mortos na noite. Não sabe do amor imenso que tinham pela Polônia.

Esta narrativa merece dedicação especial, por alguém como eu, que não conheceu esses personagens, mas que sempre se apaixona pelas vidas que registra.

Neste dia nublado, uma chuvinha fria me fez erguer o capuz. A noite anterior não me recuperou por completo depois de diversos problemas com transporte e dificuldades para encontrar um quarto de hotel, em Cassino. Pela manhã o café foi improvisado, o tempo curto. Precisava de uma informação e a pessoa diante de mim não entendia meu idioma.

Nesta viagem observei a montanha alta que enfeitou minha janela por dois dias em Cassino. Eu a investiguei como palco da batalha que ele lutou junto aos aliados. A mira do seu canhão buscava nas encostas os alvos nazistas a serem eliminados. Meus olhos apenas localizaram árvores e pedras. E muitas flores vermelhas de papoula, como na canção.

O trem para Roma é limpo, moderno e silencioso. Conforto e comodidade. Às vezes um estrondo me assusta, mas é apenas um balanço irregular do vagão, logo passa e me concentro na escrita.

Ao meu lado uma jovem faz trabalho manual com uma agulha. Eu, mulher madura, escrevo no celular. Nossos papéis me parecem invertidos. Perguntei, usando meu italiano esforçado, a tradução da palavra *crochê*, mas ela estava concentrada.

Aproveitei o silêncio para continuar a sentir os personagens.

Leopoldo lutou para liberar o acesso à Roma no período em que a segunda guerra destruía a Itália e outras partes do mundo. Os estrondos dos canhões como resultado de suas ações de artilheiro objetivavam liberar o caminho dos companheiros na montanha. Bombardeios chegavam até as encostas onde eles se encontravam. Isso os obrigava a mudarem de local e de estratégia.

Meu desejo é entender o roteiro de Leopoldo, os motivos de Cristina para desistir da Itália e seguir um soldado polonês sem dinheiro ao outro lado do oceano em direção a um país do qual as notícias eram poucas e a distância enorme.

Nesta Itália de oitenta anos depois, o percurso do trem vai levar mais que sete horas, então retiro um lanchinho da mochila. A paisagem na janela muda depois dos túneis enquanto atravesso o mapa da Itália na altura da barriga da bota. O casal cruzou o país neste sentido também quando os dois buscavam uma saída para suas vidas. O sonho era de se apoiarem no amor e na reconstrução de suas histórias, mesmo em um local chamado Brasil, em uma cidade chamada Curitiba.

Depois de tanto sofrimento e tantas perdas talvez a vida fosse generosa e os dois pudessem constituir uma família em uma comunidade complexa que formasse ao mesmo tempo uma pequena Polônia e uma pequena Itália. Não importava o idioma diferente do melódico italiano da fala dela e sem nada em

comum com o polonês que assobiava nas palavras dele. Iriam reaprender a viver, o importante era que a guerra se mantivesse no passado.

Será que isso seria pedir muito?

Termino dizendo que tudo deve estar muito confuso para você, leitor. Peço que me perdoe. Minhas ideias se entrelaçam com as conversas dos viajantes deste trem, com as memórias das cartas de amor e angústia entre Cristina e Leopoldo, com as minhas anotações das diversas publicações lidas nos últimos meses. Com o tempo o livro vai transbordar. Tenha calma, leitor. Os personagens irão se mostrar por inteiro, porém o tempo é um elemento importante.

Faz-se necessária esta espera, afinal, eu preciso sentir na pele o drama vivenciado para poder levar a você um livro inspirador que ressalte a superação que pessoas comuns, como eu e você, podem conseguir.

Este texto foi escrito pela autora quando em pesquisa na Itália, a respeito da participação dos poloneses na liberação da Itália, principalmente na Batalha da Abadia de Monte Cassino. Ele faz parte do livro ECOS DE AMOR E GUERRA - PENSIERI. Trata-se da trajetória de um polonês, Leopoldo, que se tornou soldado na II Guerra Mundial e depois emigrou para o Brasil, em Curitiba. O lançamento do livro será no dia 07 de novembro de 2026, na Casa da Cultura Polônia-Brasil.

Izabel da ROSA
Escritora e Pesquisadora.

@iZabelEscreve

 ORPEG

Polonia Camp pelos olhos da garotada de Papanduva: viagem, amizades e uma mala que resolveu fazer turismo sozinha

ORPEG
OŚRODEK ROZWOJU
POLSKIEJ EDUKACJI ZA GRANICĄ

Quando meus alunos descobriram que tinham sido selecionados para o Polonia Camp, a alegria não coube na sala de aula. E não era para menos: eles se tornaram os primeiros jovens de Papanduva a conseguir essa façanha! A partir daquele momento, a contagem regressiva come-

çou, com aquela ansiedade gostosa para encontrar a Polônia de verdade, praticar o idioma e trombar com descendentes do mundo todo.

O Polonia Camp é aquele evento mágico que junta a garotada da diáspora polonesa. Não é só sobre história e cultura, mas sim sobre fazer amigos



e perceber que, mesmo morando no cafundó do Judas ou no meio de Santa Catarina, todo mundo compartilha das mesmas raízes. E, como a própria dupla confessou, o melhor de tudo foram os laços criados.

A maratona em Varsóvia (e a saga da perna quebrada)

Como eu já estava curtindo férias na Polônia, pude recepcionar a dupla que chegou voando do Brasil. E bota voando nisso: virados da noite e com direito a um pé machucado na equipe, eles não quiseram saber de descanso. Foi chegar em Varsóvia e sair desbravando a capital!

Ficaram fascinados com os bancos multimídia do Chopin (esperamos que não fosse alucinação coletiva por causa do *jet lag*!). Afinal, Curitiba até tem um banco do Chopin, mas sair de Papanduva para ver um ao vivo é outra história. Eles também piraram nas avenidas cheias de carvalhos, castanheiras e tílias — árvores que tanto ouviram falar nas aulas de polônês e que agora podiam abraçar de verdade. E, claro, ir à Polônia e não passar em Cracóvia seria como comer pastel sem recheio: imperdoável.

O verdadeiro protagonista: a mala turista

Mas quem roubou a cena de verdade não foi nenhum humano, foi uma mala. Enquanto os donos curtiam na Polônia, a dita cuja decidiu fazer um mochilão solo por aeroportos internacionais misteriosos. Passou mais

de uma semana curtindo as férias sozinha e só resolveu dar as caras para os donos bem na hora de voltar para o Brasil. Um *timing* impecável! As roupas e os presentes viajaram milhares de quilômetros, mas conhecer a Polônia por dentro? Nem pensar, preferiram ficar trancadas no provatório da alfândega.

Choque cultural à brasileira

O que mais chocou a dupla logo de cara? O clássico trio: limpeza implacável, segurança de sobra e a eterna pergunta: *Gente, onde estão as pessoas em situação de rua?* (coisa que todo brasileiro nota nos primeiros minutos na Polônia).

Houve também uma descoberta antropológica fundamental: os gatos poloneses também dizem *miau*. Ufa, pelo menos o miado é universal!

No fim das contas, o Polonia Camp cumpriu o seu papel com louvor. Meus alunos voltaram com amigos para a vida toda e memórias inesquecíveis. Porque o *camp* não é só uma viagem geográfica; foi um mergulho profundo nas próprias raízes. E a mala? Bem, essa aprendeu que na próxima vez é melhor ir grudada no dono!

Renata MATUSIAK

Filóloga polonesa, viajante e palestrante, viaja sozinha para regiões menos conhecidas do mundo. Publica em revistas de viagem e participa do programa "Obieźwiał" na Rádio Opole. Enviada pelo ORPEG (Centro de Desenvolvimento da Educação Polonesa no Exterior) para trabalhar com os descendentes de poloneses no Brasil.



Encontro com as origens: professora e estudantes de Papanduva na experiência do Polonia Camp. Foto: Acervo pessoal.

Do Pierogi à Polca – A aprendizagem para além da sala de aula

Apresentamos um resumo analítico sobre o impacto das colônias de férias de inverno promovidas nas comunidades polônicas do Rio Grande do Sul em 2026. A iniciativa demonstrou de forma prática e evidente que o ensino da língua polonesa no contexto da imigração e da preservação cultural no Brasil vai muito além dos limites tradicionais das salas de aula. Através de atividades lúdicas, gastronômicas e artísticas, os projetos revelaram que é fora do ambiente escolar convencional que

o idioma ganha vitalidade, transformando-se em um elemento dinâmico de identidade e conexão social.

Entre os dias 27 de julho e 1º de agosto de 2026, os municípios gaúchos de Guarani das Missões e Sete de Setembro sediaram a colônia de férias sob o tema 'Férias de Inverno com a Cultura Polonesa: Língua, Sabores e Danças'. Paralelamente, de 27 a 31 de julho, as localidades de Áurea e Carlos Gomes receberam o projeto 'Jovem Polônia – Colônia de Férias para Futuros Líderes da Polônia Bra-

sileira'. Ambas as ações nasceram da necessidade urgente de criar espaços de imersão onde o idioma polonês não fosse apenas um objeto de estudo teórico, mas sim uma ferramenta de comunicação ativa, propiciando o encontro entre gerações e fortalecendo os laços comunitários e históricos dos descendentes.

A concepção metodológica das colônias baseou-se na premissa de que a aquisição de um idioma de herança é potencializada quando associada a práticas concretas do cotidiano e



da tradição cultural. Em vez de simplesmente estender o calendário escolar regular com lições gramaticais repetitivas, os organizadores optaram por inserir a língua no desenvolvimento de oficinas culinárias, ensaios de dança folclórica, confecção de trabalhos artísticos manuais e visitas a sítios históricos regionais. Esse formato garantiu que o aprendizado ocorresse de maneira orgânica, associando termos linguísticos a experiências sensoriais e emocionais marcantes.

No âmbito pedagógico, destaca-se a atuação dos professores enviados diretamente da Polônia pela ORPEG (Organização para o Desenvolvimento da Educação Polonesa no Exterior). O trabalho desses profissionais caracteriza-se pelo rico encontro de duas realidades distintas: a sólida metodologia do sistema educacional polonês contemporâneo e a complexa realidade sociocultural da comunidade polônica brasileira. As aulas tradicionais servem como alicerce fundamental, mas funcionam essencialmente como um ponto de partida para o desdobramento de novos projetos, oficinas integradas, concursos culturais e parcerias institucionais duradouras.

Um dos principais destaques do evento foram as oficinas gastronômicas, focadas na preparação de pratos tradicionais da culinária polonesa como pierogi, faworki, sonhos, panquecas de batata e miodownik. Durante o manuseio dos ingredientes, os participantes internalizaram o vocabulário técnico associado aos insumos, utensílios e verbos de ação na língua polonesa. Mais do que o aprendizado linguístico técnico, o espaço da cozinha consolidou-se como um ambiente propício para o resgate de memórias afetivas familiares, diálogos espontâneos e trocas culturais profundas sobre as heranças deixadas pelos antepassados.

A expressão corporal e a musicalidade também desempenharam um papel crucial na imersão linguística por meio das oficinas de dança folclórica. As crianças iniciaram o aprendizado com dinâmicas corporais simples e progrediram rapidamente para a execução dos passos tradicionais da polca. A atividade demonstrou que a dança é capaz de unificar o movimento físico, a escuta atenta de comandos no idioma nativo e o sentimento de cooperação mútua. O processo reforçou que a fixação cultural e linguística ocorre de maneira plena quando o estudante tem a oportunidade de vivenciar e sentir o significado prático das palavras.

A sustentabilidade e a continuidade desse modelo educacional baseiam-se em um pilar de estrita cooperação horizontal entre os professores enviados pela ORPEG e os docentes locais do Rio Grande do Sul. Esta parceria não estabelece uma relação de substituição, mas sim de complementaridade sinérgica: enquanto os professores europeus trazem materiais atualizados, inovações metodológicas e bagagem técnica, os professores locais contribuem com o conhecimento profundo sobre o perfil dos alunos, as dinâmicas familiares locais e as particularidades históricas de cada colônia no Sul do Brasil.

Ademais, essa cooperação interinstitucional promove uma relevante dimensão intergeracional. Muitos dos atuais professores locais que lideram as salas de aula e os projetos comunitários foram, no passado, alunos de escolas polônicas da região. Esse ciclo virtuoso exemplifica o

potencial de autorregeneração e continuidade da educação polônica no Brasil, onde o estudante de ontem transforma-se no líder e educador de amanhã, garantindo que o patrimônio imaterial recebido seja transmitido com fidelidade e entusiasmo às novas gerações de jovens e crianças.

O enriquecimento cultural das colônias de férias incluiu ainda atividades de campo destinadas ao reconhecimento do patrimônio histórico regional, destacando-se a visita orientada às Ruínas de São Miguel das Missões. No projeto voltado para a liderança juvenil em Áurea e Carlos Gomes, os alunos participaram de oficinas de arte decorativa e confecção de flores de papel tradicionais, culminando em atos cívicos e simbólicos de grande relevância, como o canto coletivo do hino nacional polonês. Tais experiências contextualizam a história e provam que a cultura não é um elemento estático do passado, mas sim uma realidade viva.

Em suma, as colônias de férias alcançaram seu principal objetivo: demonstrar à jovem geração que a herança de seus antepassados é atual, interessante e perfeitamente integrada ao seu mundo contemporâneo. O sucesso absoluto do projeto foi selado pelo interesse espontâneo dos participantes na realização de uma futura edição de verão. O trabalho contínuo, que reinicia suas etapas formais a cada período letivo, consolida redes de apoio entre escolas, associações e famílias, cumprindo a missão fundamental de tornar o idioma polonês uma ferramenta viva, necessária e transmitida com orgulho para o futuro.

Marzena KOWALCZYK-JASSAK

Professora de língua polonesa – ORPEG/Guarani das Missões e Sete de Setembro/RS



Cenas da colônia de férias em Áurea/RG. Foto: Acervo pessoal

Polska i Rosja

Relacje polsko – rosyjskie od wielu lat są zdeterminowane wydarzeniami historycznymi.

Po stronie rosyjskiej głębokim, wstydlwym kompleksem wobec Polski jest fakt, że Hetman Stanisław Żółkiewski, po słynnym zwycięstwie w bitwie pod Kłuszynem wkroczył do Moskwy 21 września 1610 roku, a polskie wojska przebywały w stolicy Rosji ponad dwa lata. Podobnie upokarzająco Rosjanie odbierają kwestię Bitwy Warszawskiej z sierpnia 1920 r. podczas której, przekonana o swej wielkości armia bolszewicka, maszerująca by zainfekować komunizmem całą Europę, została doszczętnie rozgromiona przez Polaków. Skala klęski była taka, że gdyby marszałek Piłsudski podjął wówczas decyzję o kontynuowaniu ofensywy na wschód niewykluczone, że Moskwa znów by upadła, a wraz z nią komunizm. Ale polskie władze nie chciały zniewolenia Rosji, chciały pokoju.

Tymczasem po stronie rosyjskiej imperialna wola zniewolenia Polski istnieje nieprzerwanie od drugiej połowy XVII wieku. W skutek rosyjskich działań oraz haniebnej zdrady części polskiej magnaterii, która w 1792 r., w uzgodnieniu z rosyjskim caratem, zawiązała Konfederację Targowicką, Polska utraciła niepodległość na 123 lata, a jej głównym i najokrutniejszym zaborcą była Rosja. W czasie II Wojny Światowej, Rosjanie, wspólnie z hitlerowcami, ponownie zajęli Polskę. Po 1945 r. jeszcze przez wiele lat Polska była podporządkowana Rosji. Jak okrutne było rosyjskie zniewolenie niech świadczą dane dotyczące wywózek i przesiedleń Polaków. Ten rodzaj kary wobec polskich patriotów stosowano tak w czasach carów jak i Rosji sowieckiej. Pierwsze masowe zesłania miały miejsce już w 1768 r. W okresie XIX w. wywózki nasiliły się, szczególnie po klęsce Powstania Styczniowego z 1863 r. Szacuje się, że na Syberię trafiło wówczas około 18 tys. Polaków. W 1910 r. na wschodnich rubieżach Rosji przebywało od 48 do 52 tys. polskich zesłańców. Panujące tam warunki były niezwykle ciężkie a śmiertelność bardzo wysoka.



Deportação de poloneses para a Sibéria. 1940. Fonte: IPN

Wbrew międzynarodowym konwencjom, Rosjanie dokonali okrutnych zbrodni na polskich żołnierzach wziętych do niewoli po agresji dokonanej 17 września 1939 r. Jeńców przewożono do specjalnych obozów, w których byli torturowani i głodzeni. Ponad 10 tys. oficerów, więzionych w Kozielsku, Ostaszkowie i Starobielsku, w 1940 r. Rosjanie wymordowali w Katyniu. Zabili też 12 tys. Polaków spośród przetrzymywanych żołnierzy szeregowych, policjantów i cywilów. Było to nikczemne ludobójstwo. Jednocześnie w latach 1939-41 wiele polskich rodzin zostało przymusowo przesiedlonych na Syberię i do Kazachstanu. Polscy historycy szacują, że w latach 1939 – 46 deportowano łącznie w głąb Rosji ponad 800 tys. Polaków.

Trwająca rosyjska agresja na Ukrainę, potwierdza, że wirus psychopatycznego imperialnego szaleństwa nie został w Rosji wyeliminowany. Szaleństwo zawsze przynosi opłakane skutki. Nie inaczej będzie tym razem. Rosyjska propaganda, ukazująca konflikt jako skutek działań Ukrainy nie przekona ludzi umiających wyciągać wnioski i znających rosyjskie metody manipulacji. Działania rosyjskiej agentury, tworzącej podobne do Targowicy, nowe pro-rosyjskie inicjatywy i konfederacje w Ukrainie, w Polsce i innych państwach, zostały rozpoznane i są ściśle monitorowane.

W Rosji nastąpi zapewne przesilenie spowodowane zmęczeniem rosyjskiego społeczeństwa wojną i siejącą zło dyktaturą kremlowską. Oby było podobne do pierestrojki z połowy lat 80-tych XX w. Moskwa musi wyrzec się imperializmu. Świat odetchnie z ulgą, a Rosja będzie mogła przystąpić do pokojowej, uczciwej i wzajemnie korzystnej współpracy międzynarodowej, w tym z Polską. Historia zapewne przestanie być wtedy takim obciążeniem wzajemnych relacji.

Polônia e Rússia

As relações entre a Polônia e a Rússia são, há séculos, profundamente marcadas pela história. Do lado russo, permanece um sentimento de profunda e incômoda humilhação diante do fato de que o hetman Stanisław Żółkiewski, depois da célebre vitória na Batalha de Kłuszyn, entrou em Moscou em 21 de setembro de 1610, e as tropas polonesas permaneceram na capital russa por mais de dois anos.

Outro episódio que os russos recordam com igual constrangimento é a Batalha de Varsóvia, em agosto de 1920. Naquele momento, o Exército bolchevique, convencido de sua própria grandeza e empenhado em levar o comunismo a toda a Europa, foi completamente derrotado pelos poloneses. A dimensão da derrota foi tamanha que, caso o marechal Józef Piłsudski tivesse decidido prosseguir com a ofensiva para o leste, não se pode descartar a possibilidade de que Moscou tivesse caído novamente — e, com ela, o próprio comunismo. As autoridades polonesas, porém, não pretendiam subjugar a Rússia. Queriam a paz.

Do lado russo, entretanto, a ambição imperial de subjugar a Polônia existe ininterruptamente desde a

MEMÓRIAS DE UM CÔNSUL APOSENTADO

segunda metade do século XVII. Em consequência das ações russas e da vergonhosa traição de parte da aristocracia polonesa, que, em 1792, em acordo com o czarismo russo, formou a Confederação de Targowica, a Polônia perdeu sua independência por 123 anos. Entre seus ocupantes, a Rússia foi o principal e mais brutal.

Durante a Segunda Guerra Mundial, russos e nazistas voltaram a ocupar o território polonês. Depois de 1945, a Polônia permaneceu subordinada a Moscou durante muitos anos. A dimensão da brutalidade dessa dominação pode ser percebida pelos números relativos às deportações e aos deslocamentos forçados de poloneses. Esse método de repressão contra os patriotas poloneses foi empregado tanto durante o período czarista quanto sob o regime soviético. As primeiras deportações em massa ocorreram já em 1768. Ao longo do século XIX, elas se intensificaram, sobretudo após a derrota da Revolta de Janeiro de 1863. Estima-se que, naquele período, cerca de 18 mil poloneses tenham sido enviados para a Sibéria. Em 1910, entre 48 mil e 52 mil exilados poloneses encontravam-se nas regiões orientais do Império Russo. As condições de vida nessas regiões eram extremamente duras, e a mortalidade era muito elevada.

Os russos, violando as convenções internacionais, cometeram crimes contra os prisioneiros de guerra poloneses, após a agressão de 17 de setembro de 1939. Os presos foram enviados para campos especiais, onde sofreram torturas e passaram fome. Em 1940, mais de 10 mil oficiais poloneses que estavam detidos em Kozielsk, Ostaszków e Starobielsk foram assassinados pelos soviéticos no massacre de Katyń. Outros 12 mil poloneses, entre soldados, policiais e civis mantidos sob custódia, também foram mortos. Tratou-se de um crime de natureza genocida. Ao mesmo tempo, entre 1939 e 1941, numerosas famílias polonesas foram deportadas à força para a Sibéria e o Cazaquistão.

Historiadores poloneses estimam que, entre 1939 e 1946, mais de 800 mil poloneses tenham sido deslocados para o interior da União Soviética.

A atual agressão russa contra a Ucrânia demonstra que o impulso imperialista e autoritário que marcou a história da Rússia não desapareceu. A loucura política e militar sempre cobra um preço elevado, e desta vez não será diferente. A propaganda russa, que procura apresentar o conflito como consequência das ações da Ucrânia, dificilmente convencerá aqueles que sabem interpretar os fatos, conhecem a história e reconhecem os métodos de manipulação utilizados pelo Estado russo. As atividades de agentes e grupos alinhados a Moscou, que procuram criar na Ucrânia, na Polônia e em outros países novas iniciativas e organizações pró-russas semelhantes, em sua natureza política, à antiga Confederação de Targowica, já foram identificadas e na maioria estão sendo rigorosamente acompanhadas.

Na Rússia acontecerá provavelmente, nos próximos anos, uma profunda mudança política, e é necessário que seja comparável, à perestroika de meados dos anos 1980. Tal transformação poderia ser impulsionada pelo crescente cansaço da sociedade russa com a guerra e desgaste do regime autoritário do Kremlin, que espalha o mal.

Moscou terá de abandonar o imperialismo. O mundo poderá então respirar mais aliviado, e a Rússia terá a oportunidade de construir relações internacionais baseadas na paz, na honestidade e no benefício mútuo — inclusive em suas relações com a Polônia. Nesse cenário, a história deixará de ser um peso tão grande para os dois países.

Marek MAKOWSKI

Nascido em Varsóvia, formado em Economia pela Escola Geral de Planejamento e Estatística da mesma cidade. Em 1979 iniciou a carreira diplomática no Ministério das Relações Exteriores da Polónia. Cônsul em Curitiba nos anos 1986-1991; 1995-2001; 2012-2018. Nos anos 2004-2008 foi Embaixador da República da Polónia no Panamá. Condecorações brasileiras: "Ordem do Pinheiro" do Estado do Paraná; "Cidadão Honorário" de Curitiba, Irati/ PR, e Áurea/RS.

UNI & VERSA

Inventário da Língua Polonesa/Polaca Brasileira entra na reta final das pesquisas de campo

O Inventário da Língua Polonesa/Polaca Brasileira está entrando na reta final da etapa de pesquisas de campo. Cerca de 80% das atividades já foram concluídas, depois de um amplo trabalho desenvolvido junto a comunidades e localidades dos estados do Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

As equipes de pesquisadores percorreram diferentes regiões, realizando levantamentos, entrevistas, registros e coleta de informações junto a falantes, descendentes e representantes das comunidades. Neste momento, restam apenas algumas localidades a serem visitadas em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

O inventário é promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em parceria com o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (Ipol), por meio do Termo de Colaboração nº 947721. O projeto dá continuidade a uma

mobilização construída ao longo dos últimos anos em torno da documentação, valorização e preservação da língua polonesa no Brasil.

A pesquisa de campo representa uma etapa fundamental para reunir informações sobre diferentes formas de uso, transmissão, conservação e valorização da língua polonesa no país. O trabalho também permite registrar experiências e percepções das próprias comunidades, contribuindo para a compreensão da diversidade linguística e cultural associada à presença polonesa no Brasil.

Uma pesquisa de caráter amostral

O Inventário da Língua Polonesa/Polaca Brasileira tem caráter amostral, ou seja, não pretende identificar todos os falantes, comunidades ou locais relacionados à língua polonesa no Brasil.



Condução de entrevista, em língua polonesa, com a Sra. Genofeva Kominkiecz, neta de imigrantes poloneses, que completou 100 anos de vida em 2026. Foto: Gabriele Petkowicz Kissel.

A pesquisa seleciona determinadas comunidades e localidades para formar uma amostra representativa de diferentes realidades linguísticas. Portanto, a ausência de um município ou comunidade no inventário não significa que não existam ali falantes, descendentes ou manifestações da língua polonesa.

O objetivo principal é documentar práticas, formas de transmissão e contextos de uso, contribuindo para uma compreensão mais ampla da história e da situação atual da língua polonesa/polaca brasileira, e não criar um cadastro completo de seus falantes.

A pesquisa entra em uma nova fase

Com a conclusão das últimas visitas de campo, o projeto entrará em uma nova etapa, dedicada à organização, sistematização e análise do material reunido. Os dados das diferentes localidades serão analisados em conjunto, permitindo estabelecer relações e identificar aspectos relevantes para a compreensão do panorama da língua polonesa no Brasil.

Entre os próximos resultados estão a elaboração de uma publicação e a produção de um documentário, que contribuirão para dar visibilidade ao trabalho e ampliar o acesso às informações e registros produzidos. Também está previsto um encontro de falantes, reunindo representantes dos municípios contemplados e promovendo o diálogo e o intercâmbio entre as comunidades.

O encontro será ainda uma oportunidade para aproximar pessoas e instituições envolvidas na preservação e valorização da língua e da cultura polonesa, fortalecendo vínculos entre as regiões pesquisadas e favorecendo a troca de experiências sobre transmissão, ensino, uso e manutenção do idioma.

Um trabalho construído com as comunidades

O desenvolvimento do inventário tem sido possível graças à participação de comunidades, lideranças, associações, instituições, pesquisadores, professores, grupos culturais e demais pessoas que contribuíram para as atividades. A aproximação com as comunidades é essencial para compreender a língua também a partir das experiências de quem a mantém viva e a transmite entre gerações.

Desde as primeiras articulações, houve ampla mobilização da comunidade polonesa. O projeto já registrava mais de uma centena de cartas de anuência, provenientes de dezenas de municípios de seis estados brasileiros, demonstrando o interesse e o envolvimento de diferentes setores da diáspora polonesa na preservação da língua e de suas referências culturais.

Com a aproximação do encerramento das pesquisas de campo, a equipe agradece a todas as comunidades que receberam os pesquisadores, às lideranças que auxiliaram nas visitas, às instituições

que ofereceram apoio e a todos que compartilharam conhecimentos, memórias, documentos, experiências e histórias.

Cada participação contribui para um registro mais amplo da presença da língua polonesa/polaca brasileira. Essas contribuições serão agora transformadas em dados sistematizados, análises, publicações, registros audiovisuais e novas oportunidades de encontro e reflexão.

Uma etapa termina, outra começa

A conclusão de aproximadamente 80% da etapa de campo representa um marco importante para o Inventário da Língua Polonesa/Polaca Brasileira. Após as últimas localidades de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, o projeto concentrará esforços na organização e análise do material coletado e na preparação dos produtos previstos.

Mais do que o encerramento da pesquisa de campo, esse momento marca o início de uma nova etapa de construção e compartilhamento do conhecimento sobre a língua polonesa no Brasil. A pesquisa reúne uma amostra de diferentes realidades e, por seu caráter amostral, contribuirá para a formação de um panorama nacional, sem pretender ser um levantamento exaustivo.

O percurso realizado demonstra a importância da colaboração entre instituições e comunidades. Com a participação de falantes, descendentes, lideranças e organizações de diferentes regiões, o inventário avança para sua próxima fase, tendo como horizonte a documentação, valorização e preservação da língua polonesa/polaca brasileira, visando seu reconhecimento oficial como patrimônio cultural imaterial do Brasil.

Prof. Dr. Fabricio VICROSKI

Pesquisador e promotor da língua polonesa no Brasil. Presidente do Conselho Consultivo da Comunidade Polonesa para Assuntos de Comunicação junto o Consulado-Geral da Polônia em Curitiba.

fabriciopolska@hotmail.com

Intercâmbio com a Polônia

No final de setembro, quinze adolescentes brusquenses registraram em seus currículos um importante capítulo das relações bilaterais entre a cidade de Brusque e a Polônia. Foram doze alunos do ensino médio do Colégio Unifebe e outros três do Colégio São Luiz. Os alunos foram acompanhados pelo Diretor do Colégio, Professor Leonardo Ristow e pela Secretária da Coordenação Pedagógica, Roberta Hoepers.

Eles embarcaram para Varsóvia-PL, onde participaram de um Intercâmbio Estudantil com o Colégio Liceu Ruy Barbosa. Com mais de 118 anos de existência, o Liceu Ruy Barbosa, é uma escola de nível secundário de Varsóvia e inclusiva. É considerada modelo de educação na Polônia. Também é a única escola do sistema público polonês a ensinar a língua portuguesa. São três professores de português, uma inclusive de nacionalidade brasileira, a artista plástica Everly Giller, que contribuiu e muito para que o Projeto fosse possível.

O Intercâmbio entre o Colégio Unifebe e o Liceu Ruy Barbosa, começou a ser alinhavado em 2023, quando o Presidente de Honra da Fundação José Walendowsky, Ivan Jose Walendowsky, em uma de suas várias visitas à Polônia, foi convidado pelo Presidente da Sociedade Polono Brasileira de Varsóvia, Marek Makowski, ex-Cônsul da Polônia no Brasil, para conhecer o educandário polonês.

Nesta visita, ficou definido com o Diretor do Colégio Piotr Cacko e com a Coordenadora de Intercâmbios, Grazyna Misiorowska, que os entendimentos para a realização do Intercâmbio teriam início assim que

retornasse ao Brasil. E assim foi feito. Desde 2023, as instituições envolvidas no Projeto reuniam-se com frequência de forma on-line para discutir como viabilizar o intercâmbio.

Em março deste ano, finalmente o Projeto saiu do papel e das intenções para se tornar real, com a visita a Brusque de 15 adolescentes do ensino secundário do Liceu Ruy Barbosa, acompanhados pelo Diretor Piotr Cacko e a Professora Grazyna Misiorowska. Durante uma semana eles participaram de diversas atividades escolares no Colégio Unifebe, visitaram o Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba, onde foram recebidos pelo Cônsul Wojciech Baczynski, além de algumas cidades do litoral catarinense, entre as quais, Balneário Camboriú e Florianópolis.

Também em março de 2026, uma comitiva de dez pessoas, lideradas pelo Presidente das Fundação José Walendowsky, Luiz Antônio Loyola Waledowsky, esteve na Polônia e visitou o Liceu Ruy Barbosa, entre outros compromissos oficiais. Integraram a comitiva, o vice-prefeito André “Deco” Batistti, a Magnífica Reitora do Centro Universitário Unifebe, Rosemari Glatz, o Desembargador Carlos Alberto Civinski, o Secretário de Desenvolvimento Econômico, Agricultura e Inovação, Valdir Rubens Walendowsky, os Senhores Ivan José Walendowsky, Ivan José Walendowsky Filho, João Paulo Loyola Walendowsky, o Radialista Saulo Tavares, e o Secretário da Fundação Nilton Jair Proença.

Os intercambistas brusquenses desembarcaram em Varsóvia onde cumpriram um extenso programa na



Intercambistas em frente da Prefeitura Municipal de Brusque/SC. Foto: Acervo da Fundação JW.

capital polonesa e também visitaram a cidade de Kraków, no sul da Polônia, uma das principais cidades turísticas do país. Também conheceram a Mina de Sal de Wieliczka, localizada na cidade homônima, nas proximidades de Kraków. A mina tem 327 metros de profundidade e 287 quilômetros de extensão. Possui em seu interior a Igreja de Santa Kinga, um restaurante, onde são realizados vários eventos, inclusive festa de réveillon e um lago. Também há várias esculturas em seu interior. É um espetáculo fantástico da natureza.

Em recente encontro com o Embaixador da Polônia em Curitiba, Andrzej Cieszkowski, o Presidente

da Fundação José Walendowsky, Luiz Antonio Loyola Walendowsky, ouviu muitos elogios a respeito da iniciativa da Fundação, Centro Universitário Unifebe, mantenedor do Colégio Unifebe e Liceu Ruy Barbosa. O Embaixador Andrzej, afirmou que este é o papel das entidades polônicas no exterior. Fomentar e desenvolver projetos que sejam capazes de oferecer aos jovens, as excelentes oportunidades que a Polônia oferece, na educação, cultura e em tecnologia de ponta.

Nilton PROENÇA

Assessor de Comunicação da Fundação J.W.

Distintos lugares en los que lucharon los soldados polacos durante la 2da Guerra Mundial (1939 - 1945)

- Septiembre 1939 en la Defensa de Polonia, frontera occidental, invasión nazi alemana. Y en la frontera oriental invasión de la URSS.

- En Francia 1940. La 1ra División de Granaderos Wielopolska y la 2da División de Fusileros, conformaron parte del 45º Cuerpo de Ejército Francés. Combatieron en la zonas de la Lorena, Lagarde y Belfort. Ante la caída de Francia ingresaron a Suiza y quedaron internados unos 12 mil hombres hasta el final de la 2da Guerra Mundial en 1945. Casi mil quedaron en Suiza, otros quisieron regresar a Polonia y el resto, en su gran mayoría, pasaron a Gran Bretaña.

- También en Francia el Escuadrón I/145 (Varsovia) con integrantes de la Fuerza Aérea Polaca luchó en los cielos franceses. Al capitular Francia la mayoría del personal cruzó a Gran Bretaña.

- Los pilotos de combate y personal de mantenimiento aéreo en la Batalla de Inglaterra (1940 / 1945).

- En Noruega, Batalla de Narvik, abril/mayo 1940. Brigada de Cazadores de Montaña.

Los destructores ORP Grom y el Blyskawica cañonearon las baterías costeras nazi alemanas, atacaron convoyes y derribaron aviones.

El 4 de mayo de 1940 el Grom fue hundido, recibió el impacto de una bomba en el centro del buque, el casco se partió en dos debido al estallido de los 15 torpedos que llevaba. Perecieron 59 marineros y oficiales. Fiordo de Rombaken-Narvik-Noruega.

- En el norte de África (1940/41/42). Fusileros de los Cárpatos - Brigada independiente Polaca Fusileros de los Cárpatos. Batallas de Tobruk, Ghazala y Bardia.

Ratas de Tobruk.

- Regimiento de Artillería de Los Cárpatos. Batalla de Bardia, 31/12/1941- 2/1/1942.

- En la Campaña de Italia. Segundo Cuerpo de Ejército Polaco-Ejército Anders. Batallas de Montecassino (mayo 1944), Ancona (junio/julio 1944), Bologna (abril 1945).

- Frente Occidental (1944/1945), 1ra División Blindada Polaca - al mando del General Maczek. Francia, Bélgica, Países Bajos y Alemania.

- Primera Brigada Independiente de Paracaidistas Polacos. Creada en Escocia en septiembre de 1941. Dentro

de las filas del Ejército Británico y al mando del Mayor General Stanislaw Sosaboski. Fueron lanzados el 21 de septiembre de 1944 sobre los Países Bajos en la Operación Market Garden.

- La Armada polaca (Marina de Guerra). La flota principal se retiró a Inglaterra y operó en conjunto con la Marina Real Británica. Aportaron 2 cruceros, 9 destructores, 5 submarinos y 11 lanchas torpederas.

Escortaron convoyes mercantes y militares, también realizaron patrullas de combate. Su personal estaba compuesto por cerca de 4 mil marinos. Hundieron un total de 53 buques y derribaron 20 aviones. Perdiendo en la acción cerca de 450 marineros y oficiales.

- También el 1er cuerpo Ejército Polaco, formado y armado por la URSS en marzo de 1944, en la región de Riazán, con la base de la 1ra División de Infantería polaca "Tadeusz Kościuszko". A cargo del General Zygmunt Berlin.

Avanzaron desde el este rumbo al Tercer Reich. Batalla de Lenino. Ofensivas: Leopoldo-Sandomierz. Lublin-Brest y Vístula-Óder, Campaña de Pomerania, la captura de la ciudad fortificada de Kolberg. Y la toma de Berlín.

Eduardo Román SZOKALA

Reside em Mar del Plata – Argentina. Integrante del Consejo de Redacción de Glos Polski – La Voz de Polonia (Buenos Aires – Argentina).



Avión de caza de la escuadrilla de Jan Zumbach, con su icónico emblema del Pato Donald (Escuadrón 303). Foto: Acervo del autor.

Os imigrantes eram apenas agricultores?



Malhação de centeio no Instituto São Vicente de Paulo, Thomaz Coelho (1935). Coleção Família Jablonski, Arquivo Histórico Archelau de Almeida Torres.

Em 1876, chegaram os primeiros imigrantes poloneses agraciados pelas políticas de imigração desenvolvidas pelo então presidente da província do Paraná, Lamenha Lins. Essa política tinha como objetivo principal a formação de assentamentos agrícolas ao redor do centro urbano curitibano, estabelecendo um “cinturão verde” de produção agrícola alimentar, que iria abastecer a capital da província. Mais de 10 colônias foram estabelecidas com essa finalidade, sejam elas contendo apenas poloneses, sejam elas mistas.

Será que os habitantes dessas colônias conseguiram sobreviver sem a existência de uma renda extra? A resposta direta para isso é: Não. Os imigrantes de Lamenha Lins não chegaram aqui já com um grande sucesso agrícola, mas sim, com um caminho de pedras cada passo mais difícil. Mesmo sendo beneficiados com as políticas da província, dentre elas o auxílio em dinheiro, os poloneses não conseguiam se manter com tantas dificuldades na nova terra.

Com a consolidação dos imigrantes nas colônias, logo se viu pela secretaria de colonização que não seria tão simples o estabelecimento dessa população. A plantação levaria meses para dar resultados, logo, alguma coisa deveria ser feita para manter a sobrevivência das famílias ali instaladas. A primeira ideia foi empregar os homens nos serviços de obras públicas, abrindo estradas. As estradas, além de gerarem uma pequena renda, também auxiliavam em melhores caminhos para o centro urbano de Curitiba.

Outra atividade que auxiliou os imigrantes foi a derrubada e venda de toras de madeira para as serrarias.

Os lotes recebidos pelos imigrantes se encontravam cheios de pinheiros e cobertos pela mata local, cabia a seus novos proprietários a limpeza do terreno. Posteriormente, com o menor comércio entre os imigrantes e as serrarias, a mesma teve de contratar homens para realizar essa derrubada da mata. Normalmente as serrarias se encontravam próximas das colônias e também próximas de rios, por onde faziam o transporte fluvial das toras.

Mas não era apenas do trabalho masculino que se mantinha os lotes das colônias. O cotidiano na lida necessitava de auxílio total dos membros familiares. Sendo assim, mulheres, crianças e idosos trabalhavam nas mais diversas atividades que mantinham a lavoura e seu entorno. Fora dos estereótipos associados à figura feminina, as mulheres polonesas nunca foram exclusivamente donas de casa, tendo elas funções ativas nas lavouras, no comércio, em empregos na cidade e até como operárias. Algumas mulheres consideram o duplo papel nas colônias: “A mãe era o homem e a mulher da casa”. Demonstrando assim, a autoridade histórica da mãe polonesa.

Os idosos e crianças também se encontram como trabalhadores ativos. Os idosos eram detentores de uma gama de conhecimentos. Além de assíduos educadores das artes da plantação, alguns gozavam do conhecimento dos ofícios (ferreiro, sapateiro, marceneiro). Além disso, por sua grande experiência de vida, normalmente eram os responsáveis pelas contas e pelo comércio do excesso da produção agrícola no centro da cidade. Para as crianças, o trabalho era árduo.

MEMÓRIA

A divisão por gênero já era um destaque, sendo desde cedo ensinadas às meninas a arte do cuidado doméstico e aos meninos a rotina do trabalho braçal. A ordem do dia será uma só: o trabalho.

O trabalho é um conceito intrínseco na realidade dos imigrantes. Mesmo em dias festivos como casamentos, datas santas ou no domingo de missa, direta ou indiretamente a lida estava ligada a esses eventos. Outros elementos festivos também estavam ligados ao cotidiano de trabalho, como a produção das broas de centeio, o abate e preparo de carnes, bem como a construção de igrejas ou salões paroquiais pela comunidade.

Todas as atividades citadas nos possibilita olhar para os imigrantes

não como indivíduos isolados, mas sim, intrinsecamente ligados à categoria de família, tornando cada integrante uma parte necessária. A aparição dos poloneses nas fontes históricas sempre está correlacionada com a ideia de família. Sendo a família quem irá desenvolver a economia dentro da realidade rural e urbana. Até hoje a família polonesa ainda se mostra presente e unida, seja por tradição, seja pelo fomento de descobertas genealógicas em prol do resgate ancestral.

Esse artigo é fruto de uma pesquisa de TCC intitulada: Os poloneses e a Divisão familiar do trabalho: A pluriatividade nas colônias (1876-1910). A pesquisa foi elaborada com o apoio da Casa de Cultura Polônia-Brasil.

Referências bibliográficas:

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *O camponês polonês no Brasil*. Curitiba: Fundação cultural de Curitiba, 1981.

BUENO, Wilma de Lara. *Uma Cidade bem-amanhecida: Vivência e trabalho das mulheres polonesas em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. *O colono-polaco: a recriação do camponês sob o capital*. 1983. Dissertação (Mestrado em História Econômica do Brasil) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1983.

Pedro Vinicius Ziomek BERBEKI

É graduando em História pela PUCPR e atua como pesquisador. Reside em Araucária, e concentra suas pesquisas nas áreas da imigração, história econômica e história da sexualidade e erotismo.

INTERNACIONAL

Orzeł Orkiestra – Tour Polônia

Entre os dias 1º e 10 de agosto, a Orzeł Orkiestra esteve na Polônia, em uma viagem que combinou turismo e atividades culturais. Para um grupo dedicado à música polonesa e àquela cultivada por seus descendentes no Brasil, tocar na Polônia trouxe uma perspectiva diferente daquela encontrada habitualmente nas apresentações junto à comunidade polono-brasileira: desta vez, parte do repertório cultivado no Brasil retornava ao seu país de origem.

A viagem passou por diferentes cidades, e três atividades estiveram diretamente relacionadas à atuação da Orzeł Orkiestra. No dia 3 de agosto, em Varsóvia, visitamos a Polskie Radio, onde concedemos uma entrevista e apresentamos parte de nosso repertório. Estar nos estúdios da rádio teve um significado particular: por ali passou Władysław Szpilman, pianista cuja experiência durante a Segunda Guerra Mundial tornou-se mundialmente conhecida em *O Pianista*. Em Cracóvia, no dia 7 de agosto, o grupo se apresentou no Strefa Nowa, em um baile-concerto. Mais do que uma apresentação formal, a ocasião permitiu experimentar esse repertório em um ambiente de dança e convívio social, próximo daquele para o qual muitas dessas músicas foram originalmente destinadas.

No dia 9 de agosto, participamos da gravação de uma entrevista para a TV Republika. Desta vez, o cenário foi um dos locais mais conhecidos da capital polonesa: a Praça do Mercado da Cidade Velha (*Rynek Starego Miasta*), diante da *Syrenka*, a sereia que constitui um dos símbolos de Varsóvia. Entre turistas e pessoas que atravessavam a praça, tocamos músicas que fazem parte da atividade cotidiana da Orzeł Orkiestra no Brasil. A realização dessas atividades contou com recomendações do Cônsul-Geral da República da Polônia em Curitiba, Wojciech Baczyński, e de Márcio

Rosniak, organizador da viagem, especialmente nos transados e na atividade junto à TV Republika.

O tour pela Polônia colocou a Orzeł Orkiestra em uma situação um tanto singular. Formado no Brasil e inserido na realidade cultural dos descendentes de poloneses, o grupo pôde, ainda que por poucos dias, observar essa música a partir do outro lado do caminho que a trouxe ao Brasil.

Thiago Corrêa de FREITAS

Professor da UFPR, físico e violonista da Orzeł Orkiestra, desenvolve pesquisas relacionadas aos instrumentos musicais e à música e cultura dos imigrantes poloneses no Paraná.



Orzeł Orkiestra durante visita à Polskie Radio, em Varsóvia. Foto: Acervo pessoal

Racuchy z jabłkami - Panquecas de maçã



Fonte: <https://poprostupycha.com.pl/>

Quando pensamos na culinária de um país, geralmente nos vêm à mente os pratos mais conhecidos, servidos em restaurantes ou celebrados em festivais gastronômicos. No entanto, a verdadeira alma de uma cozinha nacional costuma estar nas receitas simples, preparadas em casa, transmitidas de geração em geração. Na Polônia, os **racuchy z jabłkami** são um belo exemplo dessa tradição.

Com a chegada da primavera, quando as cozinhas voltam a se encher de aromas leves e receitas familiares, os racuchy reaparecem nas mesas como uma deliciosa opção para o café da manhã, o lanche da tarde ou a sobremesa.

Para muitos brasileiros, os racuchy podem lembrar os bolinhos de chuva ou as frituras caseiras que costumavam acompanhar as tardes em família. Embora as receitas sejam diferentes, ambas compartilham algo essencial: a simplicidade dos ingredientes e o carinho presente no preparo.

Os racuchy surgiram há muitos séculos como uma forma criativa de aproveitar os alimentos disponíveis. Feitos com farinha, leite, ovos, fermento e maçãs, eram uma solução prática e econômica para alimentar a família. Nas zonas rurais, as maçãs ocupavam um lugar especial, pois podiam ser armazenadas durante o inverno e permaneciam disponíveis quando outras frutas já não existiam.

Nas cozinhas das casas de campo, era comum preparar uma grande porção de racuchy quando as maçãs estavam maduras ou quando era preciso aproveitar frutas que já

começavam a apresentar pequenas imperfeições. Nada era desperdiçado. Com poucos ingredientes, surgia uma refeição saborosa que podia ser servida no café da manhã, no lanche da tarde ou até mesmo como uma refeição leve.

A Polônia continua sendo um dos maiores produtores de maçãs da Europa, e essa fruta permanece profundamente ligada à identidade gastronômica do país. Não é por acaso que os racuchy z jabłkami atravessaram os séculos e continuam presentes nas mesas polonesas.

Em tempos de receitas sofisticadas e ingredientes exóticos, os racuchy nos lembram que a boa culinária nem sempre depende da complexidade. Muitas vezes, ela nasce justamente da simplicidade, da criatividade e do afeto compartilhado entre familiares e amigos.

Talvez seja por isso que essas modestas panquecas de maçã continuem tão queridas. Cada racuchy traz consigo um pouco da história da Polônia, mas também algo universal: o prazer de reunir pessoas ao redor da mesa e transformar ingredientes simples em momentos inesquecíveis.

Receita Tradicional de Racuchy z Jabłkami

Ingredientes

2 maçãs médias
2 ovos
250 ml de leite
250 g de farinha de trigo
20 g de fermento biológico fresco (ou 7 g de fermento biológico seco)
1 colher de sopa de açúcar
1 pitada de sal
Óleo para fritar
Açúcar de confeiteiro para polvilhar

Modo de preparo

Dissolva o fermento no leite morno com o açúcar e deixe descansar por cerca de 10 minutos.

Em uma tigela, misture a farinha, o sal, os ovos e o leite com fermento até obter uma massa homogênea.

Cubra a tigela e deixe a massa crescer por aproximadamente 30 minutos.

Descasque as maçãs e corte-as em cubos pequenos ou fatias finas.

Misture as maçãs à massa.

Aqueça um pouco de óleo em uma frigideira.

Coloque pequenas porções da massa e frite dos dois lados até dourar.

Escorra sobre papel absorvente.

Sirva ainda quente, polvilhado com açúcar de confeiteiro.

Curiosidade: em muitas regiões da Polônia, cada família tem seu próprio segredo para os racuchy. Algumas acrescentam canela, outras usam kefir ou iogurte, enquanto há quem prefira servir as panquecas com creme de leite, mel ou compota de frutas.

Para uma versão bem brasileira, substitua as maçãs por bananas!

Smacznego! — Bom apetite!

A Cozinheira Polonesa do TAK!

As “pirâmides” polonesas

Na Polônia foram encontradas estruturas piramidais com 5.500 anos (construídas por volta de 3500 a.C.). Elas são cerca de 1.000 anos mais velhas que as famosas pirâmides do Egito e que o monumento de Stonehenge. Também conhecidas como Piramidy kujawskie ou Kopce kujawskie. Dois túmulos que foram chamados de “pirâmides” por causa de seu formato monumental.

As estruturas foram descobertas na vila de Wyskoć, no Parque Paisagístico General Dezydery Chłapowski, na província de Wielkopolska, possuindo 200 metros de comprimento e cerca de quatro metros de altura, tendo algumas pedras cerca de 10 toneladas. Existem inclusive outros cinco locais possíveis para escavação. Importante destacar que estão alinhadas aos pontos cardeais, demonstrando conhecimentos astronômicos nas terras polonesas da antiguidade.

Segundo a arqueologia teriam sido construídas por comunidades da cultura do Vaso de Funil durante o período Neolítico, servindo provavelmente como sepulturas para pessoas de importância social, como líderes ou patriarcas da comunidade. Estima-se que a construção de uma estrutura de tamanho médio desse tipo tenha exigido até 600 toneladas de terra e mais de 200 toneladas de pedra. Normalmente não relacionamos o passado polonês com essas estruturas, mas é importante destacar esse aspecto para termos um olhar mais abrangente sobre o passado polonês.

Outra incrível estrutura piramidal na Polônia é o monte Krakus, que já foi tratado na edição número 1 da Boletim Tak, pela colaboradora Magdalena Łuszcz. O Monte Krakus é um monte pré-histórico com 16 metros de altura, localizado no distrito de Podgórze. Sobre esse



Kopce Kujawskie ou Megalitos da Kuyávia - Fonte da imagem: <https://polskazachwyca.pl/>

monte pode-se ter uma vista panorâmica de 360 graus da cidade. Sua origem exata ainda é um mistério, embora se acredite estar ligada mitologicamente ao antigo rei Krakus.

Originalmente, quatro montes menores circundavam o Monte de Krakus, mas foram demolidos no século XIX para criar a muralha da cidade de Cracóvia. Perto encontra-se o monte Wanda, filha de Krakus. Pode-se observar que os montes possuem orientação astronômica, o que se somamos com as características das “pirâmides” polonesas, indica o alto grau de conhecimento astronômico na antiguidade polonesa.

As antigas tradições polonesas são recriadas nos arredores e sobre o próprio monte Krakus. Até meados da década de 1830, um festival folclórico era realizado anualmente na primeira terça-feira após a Páscoa, nas encostas do Monte Krakus.

Ele foi retomado na década de 2000 e voltou a ser realizado anualmente.

Vale destacar também o Monte de Kościuszko (Kopiec Kościuszki). Sendo um monte artificial, também em Cracóvia. Construído em homenagem ao líder polonês Tadeusz Kościuszko e baseado nos montes Krakus e Wanda. E não poderíamos deixar de citar o Monte Piłsudski (kopiec Piłsudskiego); conhecido também por Monte da Independência ou Monte da Liberdade também em Cracóvia, em homenagem a Józef Piłsudski.

Literalmente a Polônia é uma terra de pirâmides!

Rudinei CAMPRA

Mestre em História Social UEL - Estuda a história e cultura polonesa.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/>